



## Da confessionalidade inclusiva ao identitarismo confessional. Uma reflexão teológico-moral crítica sobre o sentido da educação católica<sup>1</sup>

*From Inclusive Confessionality to Confessional Identitarianism: A Critical Theological-Moral Reflection on the Meaning of Catholic Education*

André Luiz Boccato de Almeida<sup>2</sup>  
Carolina Mureb Santos<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente artigo versa sobre o desafio enfrentado pela educação católica diante dos questionamentos de grupos católicos neoconservadores acerca de sua fidelidade à identidade confessional. Sabe-se que o mundo contemporâneo é marcado pela afirmação de visões de mundo, de ser humano, de ética e de educação que rompem com um único modelo de referência. No campo do ensino e da educação esta heterogeneidade se faz presente. As próprias redes sociais e os influencers fazem questão de disseminar as diferenças a ponto de aumentar a conflitualidade e o embate de perspectivas. Nesse contexto, coloca-se o dilema entre duas perspectivas de educação católica: uma perspectiva dialógica e outra de caráter identitário. A análise se desdobrará em três momentos. No primeiro, apresentar-se-á o fenômeno da identidade confessional e do identitarismo confessional no cenário educativo atual. Posteriormente, buscar-se-á destacar o sentido teológico de uma educação confessional católica, a partir da tradição educativa da Igreja, entre muitas confusões e provocações. Por fim, endossar-se-á, de modo reflexivo, o sentido da escola confessional católica e sua missão no contexto do pluralismo educacional. Destarte, abordar este tema é de extrema importância na atual conjuntura eclesial e social, pois o conteúdo e o modo de se propor a educação são fundamentais no que tange ao diálogo sincero com a realidade por parte da Igreja.

**Palavras-chave:** Educação; Confessionalidade; Identitarismo; Teologia Moral.

**Abstract:** This article discusses the challenge faced by Catholic education in responding to questions from neoconservative Catholic groups regarding its fidelity to its confessional identity. The contemporary world is marked by the affirmation of diverse worldviews, conceptions of the human being, ethics, and education that break away from a single reference model. In the field of teaching and education, this heterogeneity is evident. Social networks and influencers deliberately disseminate these differences, often intensifying conflicts and clashes of perspectives. In this context, a dilemma emerges between two approaches to Catholic education: a dialogical approach and another rooted in identitarianism. The analysis will unfold in three parts. First, it will present the phenomenon of confessional identity and confessional identitarianism in the current educational scenario. Next, it will highlight the theological meaning of Catholic confessional education, based on the Church's educational tradition, amid various confusions and provocations. Finally, it will reflect on the meaning of the Catholic confessional school and its mission within the context of educational pluralism. Addressing this topic is of utmost importance in the current ecclesial and social

<sup>1</sup> Este artigo foi recebido em 16 de julho de 2025 e submetido a uma avaliação cega por pares, conforme a política editorial, sendo aprovado para publicação em 30 de junho de 2025.

<sup>2</sup> Doutor em Teologia Moral pela Pontifícia Università Lateranense (PUL). Pós-Doutor em Teologia (PUC-PR). Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Especialista em Educação Sexual pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL). Bacharel em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru (FAFICA). Pós-doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Professor da Faculdade de Teologia da PUC-SP. Contato: a.l.boccato@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutoranda em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Especialista em Ensino Religioso Escolar pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL). Bacharel em Teologia e Pedagogia pela PUC-SP. Contato: ircarolmureb@gmail.com .



context, as both the content and the manner in which education is proposed are crucial for fostering sincere dialogue with reality on the part of the Church.

**Keywords:** Education; Confessionality; Identity; Theology; Morality.

---

## Introdução

No Brasil, a extrema-direita atua sistematicamente para desacreditar a educação pública e a escola por meio de iniciativas como o movimento “Escola sem Partido” e a defesa da educação domiciliar. A acusação de que os professores são “esquerdistas”, “comunistas” e de que o ensino é ideológico, fundamentado em teorias marxistas, é recorrente em vídeos nas redes sociais e penetrou na consciência popular, que repete as mesmas pseudoinformações.

Essa abordagem foi assimilada pelos neoconservadores católicos que, em geral, se identificam ou têm simpatia pela extrema-direita. Assim, eles passaram a questionar as instituições de educação católica, principalmente aquelas que oferecem educação básica, acerca de sua fidelidade à identidade confessional. Os questionamentos surgem em relação ao material didático, às leituras obrigatórias<sup>4</sup> e até à Campanha da Fraternidade<sup>5</sup>.

Os neoconservadores católicos compreenderam que, para firmar sólidas bases de resistência ao movimento reformador do Papa Francisco, que dá continuidade ao Concílio Vaticano II, seria necessário investir na educação. Desse modo, além da pressão nas escolas católicas de congregações religiosas, famílias católicas neoconservadoras e, em geral, simpatizantes da extrema-direita começaram a abrir escolas que são apresentadas como “a verdadeira educação católica” ou “a educação católica sem ideologias”.

O presente artigo, desenvolvido em três partes, pretende, primeiramente, explicitar os questionamentos à identidade confessional das instituições católicas de educação básica no contexto do discurso neoconservador e restauracionista, e o perigo do identitarismo sectário para a educação católica. Em seguida, será apresentada a identidade universalista, dinâmica e pluralista da educação católica, segundo o magistério da Igreja. Por fim, pretende-se demonstrar que a fidelidade à identidade católica reside não em um projeto restauracionista, mas em um revigorado

---

<sup>4</sup> Uma escola católica em Salvador foi questionada quanto à adoção do livro “Manual Antirracista”, de Djamila Ribeiro, como leitura obrigatória do componente curricular de Ensino Religioso.

<sup>5</sup> Famílias pedem à direção que não trabalhem mais a CF porque consideram a CNBB comunista. Alguns diretores, infelizmente, têm cedido à pressão de grupos de pais.



compromisso com a tradição educacional católica, que articula razão, fé e ética e, portanto, dialoga com o pluralismo da sociedade.

## **Confessionalidade e identitarismo no ensino católico hoje: desafios e perspectivas**

Os primeiros sinais de questionamento sobre a fidelidade das escolas católicas à sua identidade confessional começaram no início do ano 2000. Em blogs (VELOSO, 2008), apareceram textos sobre a importância da educação católica e questionamentos se algumas escolas pertencentes a congregações religiosas ainda seriam, de fato, católicas. A discussão foi se alargando em grupos mais conservadores.

Delmanto (2008), jornalista católico, escreveu num blog, em 2008, que algumas escolas católicas pareciam ter vergonha de serem católicas. Segundo ele, a doutrina católica estava sendo substituída por conceitos como solidariedade e cidadania que não são exclusivos do cristianismo. Assim, as escolas estariam deixando sua “missão catequética” e oferecendo aulas de ensino religioso<sup>6</sup> que não transmitiam a doutrina. Concluiu convocando os pais a cobrarem das escolas católicas que assumam sua missão e vocação, do contrário, estariam contribuindo para a diminuição do número de católicos no Brasil.

Em 2011, um popular escritor católico afirmou que a maioria das boas escolas confessionais havia fechado as portas, outras continuavam evangelizando vivamente, mas a maioria delas tinha perdido o zelo apostólico dos seus fundadores (Acidigital, 13 jan. 2011). A necessidade de uma mudança na educação católica seria urgente porque muitas “crianças e jovens estão sendo engolidas pelo dragão vermelho que comanda um mundo que jaz no maligno”, segundo ele. Por fim, o mesmo autor afirma que, apesar das escolas católicas de congregações estarem na situação citada por ele, existem “bons exemplos de escolas católicas conduzidas por leigos fervorosos que têm verdadeiro zelo apostólico; então, essa boa semente precisa ser espalhada em todo o nosso país. Se em cada bairro de nossas cidades tivermos uma escola verdadeiramente católica, comprometida com os ensinamentos da Igreja, e seu Catecismo, a situação será outra” (Acidigital, 13 jan. 2011).

---

<sup>6</sup> O jornalista demonstra desconhecer a diferença entre catequese e aula de ensino religioso e entre missão evangelizadora e catequese.



A partir de 2020, começaram a surgir cursos para leigos que desejam fundar “escolas católicas”<sup>7</sup>. Alguns são apresentados assim: “O passo a passo para abrir, do zero, um colégio católico de verdade — não só no nome, mas também na essência. Por que tantas escolas “católicas” parecem ter perdido sua essência?” (INSTITUTO REGINA CAELI, 2025). Surgiram editoras que produzem material didático “100% católico” para todos os componentes curriculares, multiplicaram-se cursos de pós-graduação em ensino religioso confessional católico.

Se existe a “verdadeira escola católica” isso significa que existe “falsa escola católica”? Quais seriam as falsas e por quê? Por que se precisa de material didático “100% católico” para todos os componentes curriculares? O que significa essa insistência na identidade católica, supostamente, “pura” e “verdadeira”?

É preciso considerar o contexto sociopolítico e eclesial para se compreender por que a identidade confessional das escolas católicas tem sido questionada. O crescimento da extrema-direita em todo mundo deve-se, também, à sua compreensão de metapolítica, isto é, intervenções planejadas na educação, entretenimento e religião. Basicamente, argumenta-se que, mudando a cultura, altera-se o jogo político e a educação gera cultura. Desse modo, a extrema-direita potencializou a narrativa de que as escolas e universidades são centros geradores e transmissores de pensamento esquerdista e progressista. Os católicos neoconservadores, que rejeitam o Concílio Vaticano II, acusam a Teologia da Libertação de herética e responsável por todos os males da Igreja e, por possuírem aspirações restauracionistas, identificam-se com o discurso da extrema-direita (ALMEIDA, 2024, p. 11).

Esses católicos neoconservadores podem ser caracterizados de fundamentalistas no que diz respeito à doutrina, restauracionistas em relação à Igreja, integristas frente à moral (BERNARDES, 2019, p. 232) e adeptos da pedagogia clássica nas escolas. Eles se apegam às tradições elaboradas dentro de um contexto de cristianismo medieval e das orientações do Concílio Trento (este sim, o concílio que deve ser seguido), rejeitando qualquer reflexão contextualizada da fé cristã e preferindo repetir parágrafos do catecismo à versículos das Escrituras. Desejam a Igreja como uma *societa perfecta*, autossuficiente, autorreferencial e independente e sonham com a cristandade. Os valores

---

<sup>7</sup> Colocamos a expressão entre aspas, assim como “novas escolas de inspiração católica”, porque, segundo o Código de Direito Canônico, “como escola católica, entende-se aquela que é dirigida pela autoridade eclesiástica competente ou por pessoa jurídica eclesiástica pública, ou a que a autoridade eclesiástica reconhece como tal mediante documento escrito”. In: Código de Direito Canônico. São Paulo: Loyola, 2001. p. 215; CDC 803,1.



morais cristãos devem ser impostos, via Estado, a toda sociedade, e a moral cristã deve renunciar ao modelo personalista, que considera o sujeito no seu contexto, para focar unicamente nos atos do sujeito, reduzindo a moral a normas de controle e uma lista do que pode e não pode ser feito. No campo pedagógico o modelo é a pedagogia clássica com retorno do *Trivium*, *Quadrivium* e ensino do latim, rejeição das teorias pedagógicas modernas, centralidade no professor como fonte de conhecimento. Na estética dessas “novas escolas de inspiração católica” se impõe saias compridas para alunas e professoras e uso do véu nas missas (ele faz parte da lista de material escolar de algumas dessas escolas).

Em síntese, os elementos brevemente citados caracterizariam a identidade católica defendida, e é dela que muitos católicos sentem falta nas escolas confessionais de congregações religiosas.

Entre tantas abordagens que podem ser feitas desse fenômeno, uma delas é a compreensão de identidade. A perspectiva essencialista da identidade afirma que existe um conjunto cristalino, autêntico e único de características que todos os católicos (e suas instituições) compartilham e que não se alterou ao longo do tempo (WOODWARD, 2014, p. 12). Uma compreensão não essencialista sugere que existem características compartilhadas entre os católicos e analisa como elas foram mudando no decorrer dos séculos e também as diferenças existentes.

Diante dos comentários citados e das características que as “novas escolas de inspiração católica” apresentam, a impressão é que a identidade é uma espécie de essência que permanece igual durante toda a vida (LARRAÍN, 2003, p. 31-32). Aplicando essa concepção à identidade católica de uma instituição, ela deveria manter o mesmo modelo ao longo da história, apesar das mudanças sociais, econômicas e políticas. A insistência numa identidade única e cristalizada é irreal e perigosa, mas vem do desejo de segurança em tempos líquidos (BAUMAN, 2021, p. 35) e dominados pelo processo massificador da globalização, que anula as singularidades impondo homogeneidade cultural (WOODWARD, 2014, p. 21). A tentativa de resistir a massificação e reafirmar a identidade pode levar ao identitarismo de caráter sectário.

Considerando que o identitarismo<sup>8</sup>, em caráter geral, “desconhece a universalidade de pautas unificadoras capazes de conectar grupos sociais mais amplos e diversos e que deixa de lado todas as outras questões mais gerais” (ABDALLA, 2024) pode-se perceber o risco do identitarismo

---

<sup>8</sup> Em meio à polêmica entre os que criticam e apoiam o identitarismo, vale ressaltar que não se questiona aqui a importância e urgência dos direitos de grupos oprimidos e marginalizados, tais como, mulheres, negros, pessoas LGBTQIA+.



católico. Numa busca de segurança e clareza absolutas, declara-se a identidade confessional como um conjunto de características cristalizadas e monolíticas, alheias às realidades pessoais e sociais, com suas buscas e inquietações. Por ter como base uma compreensão essencialista da identidade, o “identitarismo absolutiza uma forma de ser e caracteriza-se por um movimento de fechamento, centrípeto, contrário e violento a tudo que se mostra divergente no que diz respeito a compreensão da fé e sua vivência”(MARIA; ALMEIDA; ALBUQUERQUE, 2024, p. 80).

Como diz Roudinesco (2022, p. 9), “a identidade pura ou perfeita não existe”, nem mesmo no catolicismo uma vez que o cristianismo nasceu na pluralidade das culturas semita e helênica. A identidade é múltipla e inclui o estrangeiro (ROUDINESCO, 2022, p. 5), que na fé judaico-cristã deve ser acolhido, integrado e tratado com justiça (Lv 19, 34; Mt, 25,35). A insistência numa identidade católica pura e verdadeira como reação à massificação da globalização, ao relativismo dos tempos pós-modernos e às pautas de grupos marginalizados e oprimidos pode levar a mais preconceito, intolerância e violência. Como afirma Roudinesco (2022, p. 15) “no coração de todo sistema identitário há sempre o lugar maldito do outro, irredutível a qualquer designação e destinado à vergonha de ser si-mesmo”. Nada mais contrário ao cristianismo.

O mistério da Encarnação é um princípio fundamental que sustenta uma visão não essencialista da identidade católica. Deus se encarna numa cultura para se fazer conhecer e compreender por um povo, que se torna intérprete da Revelação para outros povos. Os Padres da Igreja continuaram o mesmo processo no diálogo com a filosofia grega. Assim a Igreja tem feito, ao longo dos séculos, por meio de processos educativos dinâmicos e contextualizados, discernindo o essencial da fé cristã e se adaptando às linguagens e às estratégias a fim de cumprir sua missão evangelizadora.

## **O sentido teológico de uma educação confessional católica: entre confusões e identitarismos**

A Igreja atua na educação porque recebeu a missão de cuidar do ser humano, indicando-lhe um horizonte de sentido e um caminho para uma existência feliz e realizada a partir dos gestos e palavras de Jesus e do projeto do Reino. Reconhecendo a conexão entre a vida terrena e vocação celeste do ser humano (CONCÍLIO VATICANO II, *Gravissimum Educationis*, 2015), a Igreja acredita que a escola é lugar necessário para aperfeiçoar as faculdades intelectuais, desenvolver as



capacidades de julgar com retidão, fazer participar do patrimônio da cultura, promover o sentido dos valores, preparar para a vida profissional, promover relações de amizade entre alunos de índole e condição diversa favorecendo a compreensão mútua (CONCÍLIO VATICANO II, *Gravissimum Educationis*, 2015, n. 5).

Em sua disposição de dialogar com os desafios socioculturais da modernidade, a Igreja não somente reafirmou a importância da educação moderna nas escolas, como incorporou seus avanços nas suas próprias escolas. O Concílio declarou que as escolas católicas visam os fins culturais e a formação humana dos jovens e, evidentemente, seu diferencial consiste no espírito evangélico de liberdade e caridade de sua comunidade educativa e na colaboração para o desenvolvimento do compromisso batismal de seus estudantes (CONCÍLIO VATICANO II, *Gravissimum Educationis*, 2015, n. 8).

Assim, a declaração conciliar evidencia que a identidade da escola católica não se fundamenta numa visão essencialista, pois está aberta à contribuição da cultura e da ciência, que estão em constante transformação. Isso não significa uma aceitação passiva e acrítica, mas pressupõe mediar o acesso das crianças e dos jovens ao patrimônio cultural e educá-los para a consciência crítica e a responsabilidade na construção da sociedade. Associar a tradição a uma concepção essencialista da identidade é um equívoco, pois como diz o Papa Francisco, a tradição não é um museu e sim uma raiz indispensável para que a árvore possa dar sempre frutos novos (FRANCISCO, 2025, p. 119).

Um dos frutos sempre novos da tradição é a capacidade de dialogar com quem pensa e crê diferente ou até não crê. É ensinamento do magistério conciliar que os cristãos devem reconhecer-se como membros da sociedade em que vivem, participar da vida cultural e social e familiarizar-se com as tradições nacionais e religiosas e, assim, “com alegria e respeito descubram as sementes do Verbo aí ocultas” (CONCÍLIO VATICANO II, *Ad Gentes*, 2015, n. 11). Criando-se “bolhas” nas quais se convive com quem pensa e crê igual não é possível reconhecer a presença de Deus em todas as coisas e assumir o mandato missionário de Jesus de anunciar o valor e o sentido do Evangelho. A Igreja não está isolada do mundo, portanto, suas escolas não podem educar “sujeitos bolhas”. Esse fenômeno contemporâneo, fortemente ligado ao advento dos ambientes digitais, se caracteriza pela autorreferencialidade, absolutização da “sua verdade” resultando num “indivíduo fechado em suas próprias convicções e verdade absolutas, distanciado do outro e das dimensões e valores do senso comum” (ALMEIDA; FERREIRA; MELO, 2021, p. 156).



Deste modo, engana-se quem pensa que a Igreja entende que suas escolas devem receber e educar somente católicos. O Concílio afirmou que a proposta educativa da Igreja colabora com todos os povos para o desenvolvimento integral da pessoa, para o bem da sociedade terrestre e para a configuração de um mundo mais humano. A escola católica é uma escola para todos, assim como na Igreja há lugar para todos.

Como membro de uma congregação que mantém diversas escolas e tendo sido professor, Francisco insiste que “Ir em frente nas atitudes, nos valores humanos plenos, abre a porta à semente cristã” (FRANCISCO, 2015). Todo projeto educativo católico intenciona o desenvolvimento integral do ser humano, de suas potencialidades, inclusive a abertura à transcendência. É ao longo do processo humanizador da educação que “vem a fé. Educar cristãmente não é só fazer uma catequese: esta é uma parte. Não é só fazer proselitismo — nunca façais proselitismo nas escolas, nunca!” (FRANCISCO, 2015).

Assim sendo, a escola confessional não é um espaço de imposição de um discurso único e absoluto, nem de tentativas de conversão. É sempre bom recordar a afirmação de Bento XVI (2007, p. 253): “A Igreja não faz proselitismo. Ela cresce muito mais por “atração”: como Cristo “atrai todos a si” com a força do seu amor”. Um ambiente educativo que emana fraternidade, solidariedade, justiça, serviço e acolhida é terreno fecundo para o Evangelho.

Por ser escola, toda escola católica é espaço de socialização, é um microcosmo da sociedade maior. A escola é um espaço seguro onde os estudantes são apresentados à complexidade do mundo sendo acompanhados e orientados. Faz parte da educação católica preparar os corações de tal modo que haja possibilidade para a experiência de Deus, mas “na totalidade; ou seja, na totalidade da humanidade que tem também esta dimensão de transcendência. Educar humanamente, mas com horizontes abertos. Nenhum tipo de fechamento beneficia a educação” (FRANCISCO, 2015). A tradição educativa católica é sempre aberta, dialogal e universal.

Ser fiel à identidade católica de uma escola não significa criar uma “escola católica para católicos”, pois isso seria contrário não somente ao que a Igreja ensina sobre a finalidade e as características de suas instituições educativas, como também à concepção de catolicidade. A catolicidade diz respeito à vocação da Igreja de manter a unidade na diversidade de culturas, tempo e espaço (BRUSTOLIM; KOFFERMANN, 2021, p. 2). A universalidade da Igreja não se constitui numa uniformidade e igualdade que suprime a multiplicidade. A escola católica não é católica



porque adota material didático “100% católico”, só contrata pessoas católicas ou sua aula de ensino religioso é confessional. Sua identidade católica reside numa “unidade fundamental com a Igreja de Jesus Cristo, que se manifesta na mesma fé cristã, mas que também é chamada à universalidade, interagindo com as diversas culturas e acolhendo a multiplicidade de situações que nela se inserem” (BRUSTOLIM; KOFFERMANN, 2021, p. 3).

Diante das acusações de perda da identidade católica das escolas das congregações religiosas, é preciso ponderar até que ponto elas têm fundamento na tradição educativa da Igreja conservada, inclusive, em documentos. O discurso religioso também pode ser ideológico, especialmente, se está baseado numa interpretação literal de um único documento ou na opinião de um grupo de pessoas. As ideologias não servem ao bem comum; atendem aos interesses de um grupo específico que se coloca como “verdadeiro”, “único” enquanto os demais são falsos e estão sempre errados. É preciso distinguir identidade de identitarismo e compreender que é possível divergir sem romper a comunhão. É possível a comunhão na diversidade, quando há honestidade na afirmação do essencial, mas é muito difícil construir comunhão quando há um grupo que se acha “puro e verdadeiro” e considera os demais “falsos e infiéis”.

Em tempos de incerteza e confusão, em que alguns buscam afirmar sua identidade isolando-se, rejeitando o diferente, erguendo muros, o Papa Francisco convocou um pacto educativo entre atores muito diferentes para colocar a pessoa no centro do processo educativo. A educação humanista cristã tem um fundamento claro: “Não se pode falar de educação católica sem falar de humanidade, porque a identidade católica é precisamente Deus que se fez homem” (FRANCISCO, 2015). Na perspectiva do Pacto Educativo Global, cuidar da humanidade é promover uma ampla aliança na diversidade, na qual se partilhe o compromisso de gerar uma rede de relações humanas e abertas (FRANCISCO, 2019). A “aldeia educativa” é uma noção ampliada da comunidade educativa, porque inclui um outro parceiro, além dos professores e das famílias, no processo pedagógico: a sociedade civil, em todas as suas expressões.

Os sete compromissos do Pacto Educativo Global sintetizam os elementos da tradição educativa católica comprometida com a educação integral da pessoa e em constante diálogo com a cultura e a sociedade. Eles são também uma forma de atualizá-la de tal forma que as escolas confessionais permaneçam realizando sua missão numa sociedade plural.



## **A escola confessional católica e sua missão no contexto da sociedade plural**

Discorreu-se sobre o fenômeno do identitarismo e da confessionalidade na educação e o sentido teológico de processos educativos católicos confessionais não fechados. É necessário, agora, tratar do diálogo com o mundo plural e das novas demandas da cultura atual. Convém, desse modo, refletir sobre o sentido ético de uma educação propriamente católico-confessional, não restauracionista, mas em sintonia com os novos sinais dos tempos.

A longa tradição educativa católica priorizou uma boa articulação equilibrada entre fé e razão, sem desvios excessivos, polarizações ou conflitos em torno de questões não essenciais. Desde Platão, diversos pensadores reconheceram a importância da educação para o processo de formação a partir do modelo de sociedade que se quer propor ou impor. Dessa forma, a educação formal, em âmbito civil, visa primordialmente à inserção da pessoa na sociedade, apta para o mundo do trabalho e as relações sociais, mediante a transmissão do conhecimento construído e acumulado pelas gerações precedentes. Tal se dá na escola, que é o espaço de encontro e socialização cultural (XAVIER, 2012, p. 195).

Embora diversos sistemas de ensino defendam a laicidade da escola, ao promover o intercâmbio cultural, não é possível prescindir do aspecto religioso presente nos diversos contextos e que torna inviável qualquer projeto laicista. Para alguns grupos, entretanto, a educação se apresenta como uma das estratégias principais no processo de transmissão, propagação e proteção dos sistemas religiosos. São estas as escolas confessionais, vinculadas ou pertencentes a igrejas ou confissões religiosas, baseadas em princípios, objetivos e formas de atuação de uma religião, diferenciando-se, portanto, das escolas laicas. Para esse tipo de escola, o desenvolvimento dos sentimentos religiosos e morais nos estudantes é o objetivo primeiro do trabalho educacional. Dessa forma, se a escola leiga constrói sua proposta baseada apenas em correntes pedagógicas, a confessional procura ter um embasamento filosófico-teológico (JUNQUEIRA; LEAL, 2017).

Para além do posicionamento conciliar sobre a natureza e missão da escola católica, o tempo passou e os desafios reais e complexos se impuseram sobre a consciência humana. A instituição escolar, independentemente de ser católica ou não, é interpelada pelo contexto sociocultural do momento, o que exige discernimento para buscar uma resposta adequada às questões da atualidade. A escola, independentemente de sua confessionalidade explícita, já demonstra, desde a passagem



do século XIX para o XX, uma crise de pertença e de orientação sobre as pessoas. Esse dado indica que há uma crise ou declínio da cultura ocidental, o que impacta profundamente a tradicional transmissora de valores: a escola (BLOOM, 1989).

No atual contexto, lida-se com um forte pluralismo social que incide de maneira especial no campo educacional, ao ficar descartado um sistema único de pensamento, ao ser questionada a hierarquia única de valores, e ao se multiplicarem indefinidamente as ofertas de compreensão do mundo e orientações para a vida. De fato, o pluralismo social, com incontestáveis aspectos positivos, vem favorecendo o cultivo de um relativismo constante, produzindo um pensamento frágil e uma religião da moda, uma indefinição na maneira de viver e a rejeição às opções que conduzam a vida a uma determinada direção (JUNQUEIRA; LEAL, 2017).

Um outro desafio, inerente ao pluralismo, refere-se à mercantilização do sistema educacional. A partir das opções ideológicas mais capitalistas e neoliberais, defende-se e tenta-se impor um modelo de sociedade em que a educação seja reduzida a mais um bem de consumo. A sua lógica seria convencer as pessoas a escolherem instituições escolares, diplomas e corpo docente da mesma forma que se escolhem e compram outros produtos em e entre diferentes supermercados. A educação e as criações culturais, em geral, foram reduzidas a mercadorias, que dissimulam as redes econômicas e os interesses políticos que se escondem por trás dessa posição mercantilista. Essa ocultação da transformação do sistema educacional em um grande shopping center é acompanhada de abundante publicidade e de discursos demagógicos sobre a defesa de liberdades e das bondades de ser “apolítico” e neutro quando, ao mesmo tempo, os setores mais conservadores e ultraliberais, mesmo antes de acabar de realizar esse tipo de pronunciamento, já estão exigindo verba pública para suas propostas privadas de educação e outros negócios ocultos sob rótulos culturais (SANTOMÉ, 2003).

Nos tempos atuais, há que se resgatar uma visão de educação, de escola e de ensino confessional que conduza ao necessário pensar crítico, humanizador e interpelador de todo tipo de colonialismo e minimalismo educacional. Há três referências epistemológicas em educação que alargam uma visão “confessionalista” e “integrista” de educação e que podem propiciar um novo humanismo frente ao pluralismo existente. Trata-se de Tomás de Aquino, Paulo Freire e Edgar Morin. Estes autores oferecem uma reflexão sobre a educação na retomada de uma antropologia integral e crítica.



Em Santo Tomás, filósofo-teólogo escolástico, o ensino e a educação têm como foco a realização da pessoa em sua integralidade. Na questão disputada “De Magistro” (“De Veritate”) (THOMAE AQUINATIS, 1964, q. 11, art. 1-4), expõe sua concepção de ensino/aprendizagem em oposição às doutrinas dominantes de sua época, principalmente a uma tendência de um cristianismo demasiadamente espiritualista que pretendia exagerar o papel de Deus e aniquilar a criatura.

O Aquinate, nesta questão disputada, defende a tese segundo a qual o ensino se realiza ou por aprender de si mesmo (autoeducação) ou sendo ajudado e guiado pelo mestre (heteroeducação). A partir de sua perspectiva, pode-se afirmar que não se nasce ser humano, nem educado e muito menos com ideias inatas, mas com as raízes da instrução, com as sementes para aprender e ser instruído (THOMAE AQUINATIS, *Questiones Disputatis*, art. 1). Para ele, o ensino é inerente à condição moral do sujeito. Nesta questão disputada, Santo Tomás analisa as possibilidades teórico-práticas de se colocar num processo educativo. É propriamente um educar para a liberdade de pensamento, um verdadeiro aprimoramento da capacidade de atingir o fim, isto é, a própria verdade da pessoa (ALMEIDA, 2023).

Paulo Freire, educador brasileiro, para além das etiquetas equivocadas e anacrônicas sobre sua pessoa, oferece uma visão de pensar crítico que contribui para uma abordagem mais humanista e integradora. Freire (1975, p. 67), ao fazer a crítica à chamada educação “bancária”, ou seja, “quando o saber é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber”, faz a sua revolucionária proposta do pensar crítico enquanto estar na história e nas situações que esta gera, deixando delas emergir o conteúdo a ser problematizado e conscientizado. A ênfase da pedagogia do oprimido está no fato de que a história é feita pelos sujeitos: uma história humana e humanizadora, portanto, pedagógica (ARROYO, 2012, p. 555).

Freire é um crítico de um modelo de educação fatalista e “confessional” que, ao invés de conduzir ao pensar crítico e questionador, enrijece e aniquila o vir a ser da pessoa. Pode-se dizer que, hoje, sua perspectiva de um não fatalismo e não conformismo com uma visão fundamentalista religiosa é essencial para superar um conformismo tecnocrático carregado por um viés profundamente economicista (ALMEIDA; PAULA, 2021, p. 130).

Para Edgar Morin, filósofo francês, não haverá um processo educativo se os sujeitos não perceberem os limites do pensamento, a globalidade e a particularidade. Trata-se, segundo ele, de



articular, na particularidade, a síntese entre a globalidade e o contexto, com inteligência, consciência crítica e criatividade. Para Morin, pensar a educação, para além de identitarismos e confessionalismos, supõe um novo olhar crítico para a realidade do conhecimento e dos saberes (MORIN, 1997). Segundo ele, é necessário fazer uma profunda análise e avaliação do desdobramento científico moderno, que reduziu a capacidade da inteligência de conhecer e ampliar os horizontes.

Em Morin, “não se pode reformar a instituição sem uma prévia reforma das mentes, mas não se pode reformar as mentes sem uma prévia reforma das instituições” (MORIN, 2001, p. 99). Todo tipo de reducionismo reflexivo ou busca de identitarismo que apequena o pensamento é uma reação à busca mais profunda de uma educação crítica. À luz desta perspectiva, pode-se interpelar se uma retomada do protagonismo religioso, em seu viés conservador, não seria uma incapacidade de admitir o “pensar complexo crítico” como referência para uma educação inclusiva que acolhe a pluralidade.

Considerando sua natureza religiosa expressa pela confessionalidade, esta tarefa de formar e educar as consciências se amplia para a aproximação e integração dialógica com as demais espiritualidades e tradições religiosas. Antes de ser uma exigência que brota da conjuntura vigente, este pressuposto corresponde a um princípio de diálogo entre culturas e credos que estão no cerne das próprias confissões religiosas. O diálogo não se fundamenta apenas nem objetiva simplesmente uma especulação científica e fenomenológica, mas é exigência em nome de uma convivência mais pacífica e respeitosa neste espaço escolar e na sociedade. Tanto para Tomás de Aquino, Paulo Freire quanto para Edgar Morin, o fim último da educação é a promoção do ser humano em suas máximas potencialidades e desdobramento de sua capacidade reflexiva.

É verdade que há um mal-estar no sentido de conciliar a laicidade do Estado com grupos religiosos dentro do próprio catolicismo que buscam impor suas pautas no que tange ao melhor modo de transmitir valores pela escola. De todo modo, não se pode negar que a fidelidade à legítima identidade católica reside não em um projeto restauracionista – anti laicidade estatal – mas em um revigorado compromisso com a tradição educacional que articula fé e razão e admite no espaço escolar a pluralidade e a inclusão da diversidade. Cultivar a busca da autonomia, do pensamento crítico e de uma abordagem de complexidade em tempos de fundamentalismos e identitarismos



religiosos é um possível antídoto e caminho de humanização via uma educação humanista e inclusiva.

Portanto, a escola confessional católica, em meio aos pluralismos atuais, pode revisitar autores que, em suas respectivas realidades, alargaram a concepção de educação. Buscar uma abertura ao diálogo inclusivo, superando os identitarismos confessionais, supõe uma capacidade crítica de avistar a verdade também no interlocutor. Em meio à mercantilização da educação e ao fechamento doutrinador disseminado e protagonizado por grupos religiosos no interior do catolicismo, urge reler a história da educação e dela captar o verdadeiro sentido ético da própria prática de Jesus: humanizar e resgatar a dignidade humana em cada pessoa.

## Conclusão

A partir do que foi apresentado, verifica-se uma dissonância entre o que a Igreja apresenta como educação católica e o que muitos católicos esperam e defendem que as escolas confessionais realizem. Não se pode ignorar as questões ideológicas subliminares aos discursos de “verdadeira educação católica”, incluindo a resistência ao Concílio Vaticano II e ao pontificado do papa Francisco.

Diante dessa realidade, emanam três desafios. O primeiro é a necessidade de retomar a tradição educativa católica e esclarecer seus princípios fundamentais, sempre em consonância com o desenvolvimento contínuo do ensino da Igreja. É preciso insistir nos fundamentos, exatamente para contrapor os discursos fundamentalistas e restauracionistas, uma vez que o cristianismo nasce e se desenvolve em diálogo com culturas diferentes. Neste sentido, trata-se de cuidar da “marca” educação católica para que não seja manipulada e instrumentalizada.

Um segundo desafio diz respeito às escolas católicas, que não devem ceder às pressões de algumas famílias católicas, tampouco às críticas de “influencers” ligados às novas escolas de inspiração católica. Ao contrário, devem investir na assimilação da identidade católica por toda a comunidade educativa, fortalecendo a Pastoral Escolar e aperfeiçoando a forma de comunicar sua confessionalidade.

E um terceiro desafio é construir uma proposta pedagógica que contribua para interpretar criticamente os discursos religiosos, desvelando suas intencionalidades, e para compreender a complexidade do ser humano e de suas relações. É promovendo o pensamento crítico e complexo



que se percebe a inviabilidade da imposição de um único modelo, seja de Educação, de Igreja, de Família ou de Sociedade.

A educação católica não faz proselitismo; ela educa pessoas a partir de um arcabouço antropológico e ético que tem em Jesus e em sua prática sua referência. Nesse processo, é necessário escolher as melhores estratégias para que o ensino-aprendizagem ocorra a partir de um currículo evangelizador que comunique o diferencial de sua identidade católica.

## Referências

ABDALLA, Maurício. O significado da crítica ao identitarismo. *Instituto Humanitas Unisinos*, 28 nov. 2024. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/646125-o-significado-da-critica-ao-identitarismo> Acesso em 31 de janeiro de 2025..

ALMEIDA, André L. Boccato de; PAULA, Patrícia C. Educação e consciência crítica em Paulo Freire. Uma reflexão sobre o sentido da religião em tempos de fundamentalismos. *Caminhos, Especial*, v. 19, p. 130, 2021. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/9114>. Acesso em: 18 mar. 2025.

ALMEIDA, André L. Boccato de. *Ética, Teologia e Consciência em diálogo: uma reflexão interdisciplinar entre Tomás de Aquino e Paulo Freire*. Curitiba: PUCPRESS, 2023.

ALMEIDA, André Luiz Boccato; FERREIRA, Lúcia Eliza; MELO, Aloísio. A formação da consciência em uma cultura de “sujeitos bolhas” cristãos. Uma análise ético-teológica propositiva a partir da moral social do Papa Francisco. *Revista Encontros Teológicos*, v. 36, n. 1, p. 153-172, jan./abr., 2021. Disponível: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/1647> Acesso em: 28 fev 2025.

ALMEIDA, André Luiz Boccato; MUREB, Carolina. Ressentimento e intolerância da extrema direita católica: uma reflexão teológica sobre a rejeição à misericórdia proposta por Francisco. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 64, n. 2, p. 1-19, jul./dez. 2024. Disponível em: <https://revistas.est.edu.br/ET/article/view/2937> Acesso em: 25 jan 2025.

ARROYO, M. G. Pedagogia do oprimido. In: CALDART, R. S. (org.). *Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012, p. 553-561.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

BENTO XVI. *Homilia*. In: Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília; São Paulo: CNBB, Paulinas, Paulus, 2007.

BERNARDES, Matheus da Silva. A nova “idolatria” católica. *Pensar-Revista Eletrônica da FAJE*, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 219–237, 2019. Disponível em:



<https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/pensar/article/view/4135>. Acesso em: 25 jan. 2025.

BLOOM, Allan. *O declínio da cultura ocidental*. Da crise da universidade à crise da sociedade. 2ª ed. São Paulo: Best Seller, 1989.

BRUSTOLIM, Leomar; KOFFERMANN, Marcia. A identidade da educação católica no atual contexto. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 51, n. 1, p. 1-8, jan./dez., 2021. Disponível em: <https://puhrs.emnuvens.com.br/teo/article/view/36941> Acesso em 28 fev 2025

CONCÍLIO VATICANO II . Decreto *Ad Gentes* sobre a obra missionária da Igreja, n. 11. In: VIER, Frederico (coord.) *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. Petrópolis: Vozes, 31ª ed, 2015, p. 351-399.

CONCÍLIO VATICANO II. *Declaração Gravissimum Educationis* sobre a educação cristã. In: VIER, Frederico (coord.) *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. Petrópolis: Vozes, 31ª ed, 2015, p. 581-596.

DELMANTO, Renato. A escola católica e a vergonha de ser católica. In: *Veritatis Splendor: Memória e Ortodoxia Cristãs*, 08 abr. 2008. Disponível em: <https://www.veritatis.com.br/a-escola-catolica-e-a-vergonha-de-ser-catolica/> Acesso em: 25 jan 2025.

FRANCISCO. Discurso aos participantes no Congresso Mundial promovido pela Congregação para a Educação Católica com o tema: “Educar hoje e amanhã. Uma paixão que se renova”, 21 de novembro de 2015. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco\\_20151121\\_congresso-educazione-cattolica.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151121_congresso-educazione-cattolica.html) Acesso em: 28 fev 2025.

FRANCISCO. *Esperança: a autobiografia*. São Paulo: Fontanar, 2025.

FRANCISCO. *Mensagem para o lançamento do Pacto Educativo*, 12 de setembro de 2019. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco\\_20190912\\_messaggio-patto-educativo.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco_20190912_messaggio-patto-educativo.html) Acesso em: 28 fev 2025.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

INSTITUTO REGINA CAELI. *Jornada da Criação de Escolas Católicas promovida pelo Instituto Regina Caeli*. Disponível em: <https://institutoreginacaeli.com.br/cursos/escolas> Acesso em: 24 jan 2025.

JOÃO PAULO II (promulgação). *Código de Direito Canônico*. Promulgado por João Paulo II, Papa. São Paulo: Loyola, 2001.

JUNQUEIRA, Sérgio R. A.; LEAL, Valéria A. A Escola Confessional Católica Romana. *Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor.*, Curitiba, v. 9, n. 3, 611, 628, st./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/view/11120/22466>. Acesso em: 15.03.2025



LARRAÍN, Jorge. El concepto de identidade. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, v. 10 n. 21, p. 30-42, 2003. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/3211>. Acesso em: 30 jan. 2025.

MARIA, Karolayne Camargo; ALMEIDA, André Luiz Boccato; ALBUQUERQUE, Lúcia Eliza Ferreira da Silva. O cristianismo entre o “identitarismo” proselitista e a “identidade” católica inclusiva: uma reflexão teológico-moral sobre religião e culturas. *Caminhos*, Goiânia, v. 22, n. 1, p. 73-83, jan./abr., 2024. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/13993> Acesso em: 31 jan 2025.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 4º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX*. Volume I: Neurose. 9º ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

PROF. Felipe Aquino: Educação é desafio urgente para os católicos brasileiros hoje. *Acidigital*, 13 jan. 2011 Disponível em: <https://www.acidigital.com/noticia/20943/prof-felipe-aquino-educacao-e-desafio-urgente-para-os-catolicos-brasileiros-hoje> Acesso em: 24 jan 2025.

ROUDINESCO, Elisabeth. *O eu soberano: ensaio sobre as derivas identitárias*. São Paulo: Zahar, 2022.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. *A educação em tempos de neoliberalismo*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

THOMAE AQUINATIS. *Questiones Disputatis*. De Veritate: De Magistro. Roma: Marietti, 1964, q. 11, art. 1-4, p. 223-233.

VELOSO, Eurico dos Santos. Escolas católicas, 28 de novembro de 2008. In: *Veritatis Splendor: Memória e Ortodoxia Cristãs*. Disponível em: <https://www.veritatis.com.br/escolas-catolicas/> Acesso em: 24 jan 2025.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (orgs.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 7-72.

XAVIER, D. A educação como missão da Igreja no Magistério eclesial. In: FIGUEIRA, E.; JUNQUEIRA, S. *Teologia e educação: educar para a caridade e a solidariedade*. São Paulo: Paulinas, 2012.